

# Preocupações com a Identidade Nacional

## Texto I

### Canção do exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühn,  
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen Glühn,  
Kennst du es wohl? – Dahin, dahin!  
Möcht ich... ziehn.\*

(Goethe)

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

\* “Conheces o país onde florescem as laranjeiras? Ardem na escura fronde os frutos de ouro. Conhece-lo? – Para lá quisera eu ir!” (Tradução: Manuel Bandeira)  
(in: *Gonçalves Dias*. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 11-2. Literatura Comentada)

---

## Texto II

### Minha terra

Todos cantam sua terra,  
Também vou cantar a minha,  
Nas débeis cordas da lira  
Hei de fazê-la rainha;  
– Hei de dar-lhe a realeza  
Nesse trono de beleza  
Em que a mão da natureza  
Esmerou-se enquanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:  
Debaixo dum céu de anil  
Encontrareis o gigante  
Santa Cruz, hoje Brasil;  
– É uma terra de amores  
Alcatifada de flores  
Onde a brisa fala amores  
Nas belas tardes de Abril.

Tem tantas belezas, tantas,  
A minha terra natal,  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortal!  
– É uma terra encantada  
– Mimoso jardim de fada –  
Do mundo todo invejada,  
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a  
Dentre todas – a primeira:  
Deu-lhe esses campos bordados,  
Deu-lhe os leques da palmeira,  
E a borboleta que adeja  
Sobre as flores que ela beija,  
Quando o vento rumoreja  
Na folhagem da mangueira.

É um país majestoso  
Essa terra de Tupã,  
Desd'o Amazonas ao Prata,  
Do Rio Grande ao Pará!  
– Tem serranias gigantes  
E tem bosques verdejantes  
Que repetem incessantes

Os cantos do sabiá.  
(...)

(Casimiro de Abreu)

### **Texto III**

#### **Ao Brasil**

Bela estrela de luz, diamante fúlgido  
da coroa de Deus, pérola fina  
dos mares do ocidente,  
oh! como altiva sobre nuvens de ouro  
a fronte elevas afogando em chamas  
o velho continente!

A Itália meiga que ressona lânguida  
nos coxins de veludo adormecida  
como a escrava indolente;  
a França altiva que sacode as vestes  
entre o brilho das armas e as legendas  
de um passado fulgente.

A Rússia fria -Mastodonte eterno!  
cuja cabeça sobre os gelos dorme,  
e os pés ardem nas fráguas;  
a Bretanha insolente que expelida  
de seus planos estéreis se arremessa  
mordendo-se nas águas;

A Espanha túrbida; a Germânia em brumas;  
a Grécia desolada; a Holanda exposta  
das ondas ao furor...  
Uma inveja teu céu, outra teu gênio,  
esta a riqueza, a robustez aquela,  
e todas o valor!

Oh! terra de meu berço, oh pátria amada,  
ergue a fronte gentil ungida em glórias  
de uma grande nação!  
Quando sofre o Brasil, os brasileiros  
lavam as manchas, ou debaixo morrem  
do santo pavilhão!...

(Fagundes Varela)

---

**Texto IV****Instinto de nacionalidade (fragmento)**

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance, sobretudo, apoderou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. Bernardo Guimarães, que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. de Alencar, Macedo, Sílvio Dinarte (Escragnolle Taunay), Franklin Távora, e alguns mais.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. (...) e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (...)

(Machado de Assis)

**Texto V****Erro de português**

Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português

(Oswald de Andrade)

**Texto VI****Vício na fala**

Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mió  
Para pior pió

Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados

(Oswald de Andrade)

### **Texto VI**

#### **O capoeira**

— Qué apanhá sordado?  
— O quê?  
— Qué apanhá?  
Pernas e cabeças na calçada.

(Oswald de Andrade)

### **Texto VIII**

#### **Descobrimento**

Abancado à escrivadinha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De sopetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei trêmulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,  
Na escuridão ativa da noite que caiu,  
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993, p.203.)

### **Texto IX**

#### **Pátria minha**

A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio  
Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:  
Não sei. De fato, não sei  
Como, por que e quando a minha pátria  
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias pátria minha  
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
Em contato com a dor do tempo, eu elemento  
De ligação entre a ação o pensamento  
Eu fio invisível no espaço de todo adeus  
Eu, o sem Deus!

(...)

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha  
Amada, idolatrada, salve, salve!  
Que mais doce esperança acorrentada  
O não poder dizer-te: aguarda...  
Não tardo!

(...)

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um libertas quae sera tamem  
Que um dia traduzi num exame escrito:  
"Liberta que serás também"  
E repito!

(...)

(Vinicius de Moraes)

## **Texto X**

### **Tropicália**

Sobre a cabeça os aviões  
Sob os meus pés, os caminhos  
Aponta contra os chapadões, meu nariz

Eu organizo o movimento  
Eu oriento o carnaval  
Eu inauguro o monumento  
No planalto central do país

Viva a bossa, sa, sa  
Viva a palhoça, ça, ça, ça, ça

O monumento é de papel crepom e prata  
Os olhos verdes da mulata  
A cabeleira esconde atrás da verde mata  
O luar do sertão

O monumento não tem porta  
A entrada é uma rua antiga,  
Estreita e torta  
E no joelho uma criança sorridente,  
Feia e morta,  
Estende a mão

Viva a mata, ta, ta  
Viva a mulata, ta, ta, ta, ta

No pátio interno há uma piscina  
Com água azul de Amaralina  
Coqueiro, brisa e fala nordestina

E faróis  
Na mão direita tem uma roseira  
Autenticando eterna primavera  
E no jardim os urubus passeiam  
A tarde inteira entre os girassóis

Viva Maria, ia, ia  
Viva a Bahia, ia, ia, ia, ia

No pulso esquerdo o bang-bang  
Em suas veias corre muito pouco sangue  
Mas seu coração  
Balança a um samba de tamborim

Emite acordes dissonantes  
Pelos cinco mil alto-falantes

Senhoras e senhores  
Ele põe os olhos grandes sobre mim

Viva Iracema, ma, ma  
Viva Ipanema, ma, ma, ma, ma

Domingo é o fino-da-bossa  
Segunda-feira está na fossa  
Terça-feira vai à roça

Porém, o monumento  
É bem moderno  
Não disse nada do modelo  
Do meu terno  
Que tudo mais vá pro inferno, meu bem  
Que tudo mais vá pro inferno, meu bem

Viva a banda, da, da  
Carmen Miranda, da, da, da da, da da da

(Caetano Veloso)